



QUEM FOI BERTHA LUTZ?

POR CLÁUDIA COIMBRA

COMISSÃO DE PARTICIPAÇÃO INSTITUCIONAL FEMININA DO TRE-DF (CPIF)

Diferentes épocas, seus costumes e paradigmas, o chamado zeitgeist - espírito do tempo - sempre existirá alguém para fazer-lhes oposição. Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976) foi uma dessas pessoas: pioneira, contestadora de certos padrões, figura importante do movimento feminista brasileiro, embora pouco conhecida. Nascida em São Paulo, de ascendência europeia, filha de Amy Fowler, enfermeira inglesa e do renomado médico e cientista brasileiro, de origem suíça, Adolfo Lutz.

Em sua época, as mulheres nasciam para o casamento, procriavam e administravam a casa, poucas tinham condições e estímulos para estudar.

Na adolescência, Bertha foi para a Inglaterra a fim de concluir o ensino médio. Sua trajetória acadêmica foi influenciada pelas atividades do pai. Formou-se em Ciências Naturais pela Sorbonne, na França, especializando-se em anfíbios. Nesse período de estudos, Bertha aproximou-se do movimento sufragista inglês. Inicialmente articulado com o objetivo de organizar a luta das mulheres pelo direito ao voto, o movimento sufragista excedeu o campo eleitoral com ações que até hoje nos levam a conquistas dos direitos femininos.

Em 1918, ao retornar ao Brasil, especificamente para o Rio de Janeiro, Bertha exerceu a atividade de tradutora, no Instituto Oswaldo Cruz, onde seu pai trabalhava. Após ser aprovada em primeiro lugar em concurso público, tornou-se a segunda servidora pública concursada do país, fato que gerou desconforto em alguns e lhe trouxe notoriedade. Ela tomou posse no Museu Nacional, onde exerceu a chefia do departamento de Botânica até a sua aposentadoria, em 1964. Além de pesquisadora na área de Biologia, em 1933 ela concluiu o curso de Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Bertha produziu, também, artigos para revistas femininas com convites às leitoras a se organizarem, dividindo seu conhecimento sobre o feminismo. Assim, conseguiu reunir mulheres da classe média e alta para juntas, formarem, em 1919, a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que posteriormente se tornou a Federação Brasileira Para o Progresso Feminino. Começou, dessa forma, uma trajetória de persistência e arrojo rumo aos direitos pelo voto e pela liberdade feminina no Brasil, a chamada primeira onda do feminismo.

Em 1922, representou o país na Assembleia Geral da Liga das Mulheres Eleitoras nos EUA. Exatamente dez anos depois o direito ao voto feminino foi conquistado no Brasil.

Um fato relevante durante sua militância ocorreu na Conferência de São Francisco, nos EUA, em 1945, quando Bertha liderou as representantes latino-americanas, conhecidas por terem sido as agentes por trás da inclusão dos direitos das mulheres na Carta das Nações Unidas. A Carta da ONU, um dos documentos mais importantes do século XX, assinado por cento e sessenta delegados, sendo apenas quatro deles mulheres, foi o primeiro acordo internacional acerca da igualdade de gênero e proteção dos direitos humanos.

Devido a sua posição social privilegiada, o feminismo de Bertha e suas companheiras pode ser considerado conservador, nos cabe, porém, ressaltar o contexto da época e o valor do seu pioneirismo acadêmico, social e político. Inegável, no entanto, o espaço liberado por esse expoente feminista e suas contemporâneas para as mulheres que chegaram depois, tanto no âmbito político quanto no científico.

Como resultado da pesquisa da argelina Fatima Sator e da norueguesa Elise Luhr Dietrichson, em parceria com a HBO, foi produzido o documentário Bertha Lutz – A Mulher na carta da ONU. As duas acadêmicas foram influenciadas pela falta de conhecimento do público em relação ao legado de Bertha e a vontade de creditar valor às representantes latino-americanas que empenharam esforços na luta pelos direitos das mulheres.

No documentário, há encontros interessantíssimos que demonstram a luta para que se reconheça a brasileira como uma das principais responsáveis pela inclusão das mulheres na Carta da ONU, com conversas sobre a participação da sufragista no histórico início da Organização das Nações Unidas. Inclusive em Brasília, foi registrado o encontro com a historiadora da biografia parlamentar de Bertha Lutz, Dra. Teresa Cristina Marques.

Outra fonte interessante sobre uma parte da história da luta por esses direitos, o livro O feminismo tático de Bertha Lutz, da historiadora Rachel Soihet, nos apresenta os caminhos traçados pela ativista e suas companheiras expoentes do feminismo brasileiro.

Duas obras de referência aos interessados em uma revisão de peso acerca das iniciativas, conquistas e legado de Bertha Lutz e outras mulheres no âmbito da igualdade de gênero no Brasil e no mundo, além do material da historiadora, que ministra suas aulas em nossa cidade.

Referências:

Agência Senado disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/bertha-lutz>

Bertha Lutz – A Mulher na carta da ONU. Direção: Tatiana Lissa, Guto Barra. Produção: HBO, 2019. 1h38min / Documentário

SOIHET, R. O feminismo tático de Bertha Lutz. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Editora das Mulheres/EDUNISC, 2006.